

Ecclesia



Trimestrário Intérprete do
Pensamento Cristão Orgânico

Órgão Oficial da
Igreja Lusitana, Católica, Apostólica, Evangélica

Janeiro de 1949

Ano I—Nº 1

CONGREGAÇÕES E MISSÕES

DA

IGREJA LUSITANA, CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

LISBOA

Igreja Lusitana de S. Pedro—Largo das Taipas

Serviços divinos: *Domingos, às 12 e às 21 horas; Quartas-feiras, às 21 horas.*

Igreja Lusitana de S. Paulo—Convento dos "Marianos"—Rua das Janelas Verdes

Serviços divinos: *Domingos, às 11 e às 21 horas; Quintas-feiras, às 21 horas.*

Igreja Lusitana de Jesus—R. Quatro de Infantaria, 70-1.º—(Sede provisória)

Serviços divinos: *Domingos, às 21 horas; Sextas-feiras, às 21 horas.*

P O R T O

Igreja Lusitana do Redentor—R. do Visconde de Bóveda e R. do Barão de S. Cosme, 223

Serviços divinos: *Domingos, às 11 e às 19 horas; Quartas-feiras, às 21 horas.*

VILA NOVA DE GAIA

Igreja Lusitana de S. João Evangelista—Torre

Serviços divinos: *Domingos, às 10,30 e às 17 horas; Quintas-feiras, às 21 horas.*

Igreja Lusitana do Salvador do Mundo—Arco do Prado—Devezas

Serviços divinos: *Domingos, às 10,30 e às 19 horas; Segunda Quarta-feira do mês, às 20,30 horas.*

Igreja Lusitana do Bom Pastor—R. do Rei Ramiro—Candal

Serviços divinos: *Domingos, às 11 e às 20,30 horas; Quartas-feiras, às 20,30 horas.*

Igreja Lusitana de Cristo—Outeiro—Oliveira do Douro

Serviços divinos: *Domingos, às 10 horas.*

SETUBAL

Igreja Lusitana do Espírito Santo—Bairro Salgado

Serviços divinos: *Domingos, às 10 e às 19 horas; Quartas-feiras, às 19 horas.*

ALCACER DO SAL

Igreja Lusitana de Cristo Remidor

Serviços divinos: *Domingos e Segundas-feiras, às 21 horas.*

E V O R A

Missão Evangélica dos Mártires da Fé—Beco do Chantre

Serviços divinos: *Terceiras Quintas-feiras do mês, ao anoitecer.*

CAMPANHÃ (Porto)

Missão Evangélica de Santo Estêvão—R. do Azevedo

Serviços divinos: *Domingos, às 9,30 horas.*

V A L B O M (Gondomar)

Missão Evangélica de Santiago Apóstolo—Largo da Arroteia

Serviços divinos: *Domingos, às 16 horas.*

A M O R A (Seixal)

Missão Evangélica de Santo André—Avenida Marginal Silva Gomes, 16

Serviços divinos: *Domingos alternados, às 16 horas.*

JANEIRO DE 1949

ANO I—N.º 1

Ecclesia

TRIMESTRÁRIO INTÉRPRETE DO
PENSAMENTO CRISTÃO ORGÂNICO

ÓRGÃO OFICIAL

DA

///

IGREJA LUSITANA, CATÓLICA, APOSTÓLICA, EVANGÉLICA

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA

///

ADMINISTRADOR:

DANIEL DE PINA CABRAL

REDACÇÃO:

Avenida Cinco de Outubro, 275-2.º D.to

LISBOA

ADMINISTRAÇÃO:

Avenida da República, 1118

VILA NOVA DE GAIA

SUMÁRIO DO N.º 1

Primeira aos Portucalenses	3
Reminiscências e Perspectivas	4
Para uma nova Semântica	6
Selos e Pergaminhos	8
O Cristianismo na nossa Terra	10
No Átrio	11
Na Nave	12
Na Seara	13
Forum	14
No Lar (Literatura, Arte, Religião)	14
O Livro e os Livros	15

SÍNODO DIOCESANO

Presidente:

Rev. António Ferreira Fiandor

Residência: Torne—Vila Nova de Gaia

Secretários:

Rev. António Pinto Ribeiro Júnior (no Sul)

Rev. Agostinho Ferreira Arbiol (no Norte)

Membros:

Rev. Josué Ferreira de Sousa

Rev. José Pereira Martins

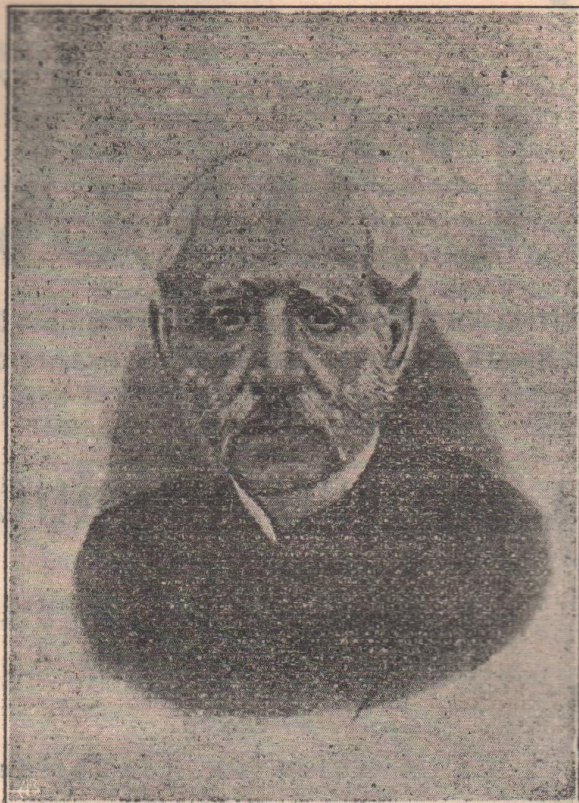
Rev. Armando Pereira de Araújo

Rev. José Maria Leite Bonaparte

Rev. Augusto Nogueira

•

um representante leigo de cada uma das Congregações a
cargo dos Presbíteros do Sínodo.



Em Abril passa
o undécimo aniversário
da inauguração do
monumento que Vila
Nova de Gaia erigiu a
DIOGO CASSELS.

Recordamos carinhosamente
a figura admirável de **DIOGO**
CASSELS, o Santo, o Amigo, o
Companheiro de todos nós, que tão
grande saudade nos deixou.

ECCLESIA publicará em breve
um esquiço biográfico do inolvidável
Amigo.

Primeira aos Portucalenses

SE S. Paulo fosse vivo na terra, ele que vive em Deus, S. Paulo seria jornalista.

Assim tem sido dito e assim nós o cremos.

Mas se S. Paulo fosse jornalista e lançasse o seu olhar límpido e profundo para este extremo da Latinidade, tão mesclado como a própria Roma do seu tempo, de influências estranhas e de transfusões de sangue oriental, ele nos enviaria uma epístola feita de fogo e de sangue, fogo ardendo em esperança e sangue a latejar de amor.

E que coisas admiráveis S. Paulo nos diria!

Não podemos nós ter a suspeita de que uma epístola aos Laodicenses, que não está no Canon, se terá extraviado? E bem podemos imaginar que ela, a existir, foi outrora portadora, como as outras saídas da mesma e abençoada mão, dessa esperança e desse amor.

Dir-nos-ia «nosso irmão Paulo», se ele nos escrevesse a nós, que devemos fazer parte da «nuvem de testemunhas» de que se fala na epístola aos Hebreus capítulo 11, ainda que a vejamos bem alta no firmamento da nossa fé. Como vemos em belas noites de atmosfera pura a Via Lactea, tão longínqua, e no entanto aprendemos que fazemos parte dela, com toda a terra que habitamos e com todo o sistema planetário de que ela faz parte.

Dir-nos-ia mais o Apóstolo que a Igreja é uma—um rebanho com um Pastor, um fenómeno moral com um veículo material, um facto com uma **denominação** só. Que entre os frutos da carne há um que do grego se chamou **heresia**, por ser resultado duma escolha individual para fora do caminho colectivo inicial e do latim se chamou

seita por ser resultado duma cisão ou corte, que esfacela o corpo de Cristo, ou dum rasgão que esfrangalha a Sua túnica.

Oh! que belas coisas nos diria S. Paulo no seu estilo fogoso, onde ainda hoje se sente correr o sangue da Vida.

E aprenderíamos com ele que o jornalismo cristão deve ser um ministério e não um amadorismo; que deve ser escrito, não no Joelho, mas com a seriedade e a piedade com que se faz outra qualquer tarefa pastoral, no púlpito, no concílio ou à cabeceira de enfermos.

Com o mesmo sentido de dependência, com o mesmo espírito de oração. Com a mesma incerteza quanto às possibilidades próprias e com a mesma confiança no amparo divino.

Pois, leitor amigo: ao apresentarmo-nos com **ECCLESIA** afirmamos cultivar este pensamento e, por tal motivo prometemos a todos que iremos, na frase do velho Hugo, «pensar e viver de joelhos», nesta redacção e nesta administração, ambas cuidadas com amor por vós—e por todos.

Prontos a ensinar o que sabemos e dispostos a aprender o que os outros sabem, recusamo-nos ao **pugilato** de metáfora, à agressão de cálam, ao propósito de pôr as costas no chão pelos instantes regulamentares ao adversário, quando o que queremos é pormo-nos com ele de joelhos perante a Verdade Eterna e o Amor Infinito.

Temos uma mensagem—a do Evangelho total, que está na cruz do Calvário. A apresentação dessa mensagem, o seu veículo de dezanove séculos, a sua experiência eclesiana e missionária, a sua ânsia patristica e reformada, resumem-se, quanto a nós, neste título que escolhemos: **ECCLESIA**.

egoísmo do Ocidente como do Oriente, mas sem contemporizar com qualquer mística materialista desprezadora da sua fé.

A Câmara Municipal de Lisboa, numa louvável intenção cultural, promoveu em Outubro uma exposição da procissão do "Corpo de Deus" na capital, na primeira metade do Século XVIII. Eram bastantes centos de figurinhas de barro, de flagrante expressão e denotadoras de grande estudo, da autoria do sr. Diamantino Tojal, evocadoras dessa colorida cena de outrora, que teatralizou a heresia de Pascásio Radberto introduzida, segundo cremos, pelos franciscanos em Portugal medievo. Até D. João V esse drama popular das ruas incluiu muitas figuras e cenas grotescas, que então se eliminaram transformando-o numa ostentação suntuária da Igreja dominante. O exame atento dos interessantes barros levaria a muitas considerações da parte dos cristãos reformados, de vida espiritual activa e compreensiva, sem diminuir o respeito pelo potencial religioso tão imperfeitamente dirigido.

Está decorrendo nestes anos o quarto centenário da tentativa de Reforma ingenuamente promovida pelo grande e esquecido português Fernão de Oliveira, e da sua inutilização pelo "Santo Offício". Registemos o facto de que o nosso primeiro gramático e escritor naval foi o pioneiro da Reforma gorada no extremo ocidente da Europa, e o precursor dum entendimento mundial para a paz, que ele sintetizou admiravelmente assim: "Mais facilmente saram as chagas com bálsamo do que com ferro".

De vez em quando ouvimos acusações tremendas contra Constantino Magno, como corruptor do Cristianismo, por te-lo feito religião do Estado, no Império. Cremos que ainda um dia se fará um ensaio sério e honesto acerca disto, provando que ele estabeleceu a liberdade de cultos numa sociedade extremamente supersticiosa e fútil, e que o resto, isto é, a vitória do Cristianismo, e com ela os bens e os males do predomínio, foi uma consequência fatal, digamos. Deus nos faça justos com vivos e mortos. Porém o que desejamos afirmar agora é que a primeira iniciativa para tornar o Cristianismo "religião nacional" é anterior a Constantino, pois data do século 3.º, na Arménia.

Aconselhamos todos os leitores que costumam deitar fora os jornais lidos (melhor é dá-los, não é?) reler e guardar como uma jóia o artigo inserto

no "Portugal Evangélico" de Setembro-Outubro passados, sob o título "Nem Roma nem Voltaire". E acrescentamos que quem escreve com esta lógica e este brilho tem grandes responsabilidades, e não pode ficar por aí. É um amigo de **Ignotus** quem lho diz. E ele sabe-o.

O nosso amigo sr. José Júlio Pires, numa conferência há pouco realizada, disse estas palavras, dignas de particular consideração: "A humanidade nunca teve maior poder do bem e do mal, de produção e de destruição. Nesta expectativa, uma Nação próspera, rica e detendora de formidável poder, propôs-se auxiliar as nações devastadas pela última guerra, para que se reabilitassem. Que me conste, a Igreja cristã mundial ainda não se manifestou como deve sobre este plano, pois ele realiza em escala nunca vista a profecia de Isaías — "Cada um auxiliará o seu próximo e dirá a seu irmão: esforça-te".

O Prof. Burrows, da Universidade de Yale, director da Escola Americana de Investigações Orientais, em Jerusalém, anunciou na Primavera de 1948 o descobrimento do mais antigo manuscrito conhecido da Profecia de Isaías, completa. Este descobrimento tem particular importância, pois a sua origem é fixada cerca do 1.º século antes de Cristo quando outros manuscritos completos do mesmo livro, até agora conhecidos, datam do 9.º século de Cristo. O ms. agora encontrado é um pergaminho em bom estado de conservação, num tipo muito aproximado do papiro de Nash, e vem confirmar alguns passos da Septuaginta. Enquanto se disputa a ferro e fogo a metrópole santa de três crédos, cidade ambicionada pelos dois ramos semitas, os sábios e eruditos trabalham serenamente.

Está a fazer um ano que Pio XII autorizou o uso parcial da língua francesa na administração do baptismo, do matrimónio e da extrema-unção, assim como nos funerais, segundo carta do Cardeal Perfeito da SS. Congregação dos Ritos para o Arcebispo de Paris. Esta autorização procede da petição que a Hierarquia Francesa levou à Cúria, para aprovação dum novo ritual em latim e francês, feito de acôrdo com os similares já aprovados para outras regiões da Europa. Diz a notícia que sumariámos de "O Puritano", que às "circunstâncias presentes" obedecem estas medidas, e essas são a obra social empreendida por padres jovens entre os operários. Também nos parece

que pode ter influência aqui um regresso lento mas constante dos reformados à liturgia primitiva, que responde a uma necessidade da alma cristã, e cuja ausência em muitos sectores tem dado certa vantagem às actividades romanas.

Num recente discurso do ilustre académico Dr. Júlio Dantas, ao referir-se à maneira de sorrir do grande mestre psiquiatra do Porto, Júlio de Matos, disse que "sorrir não é tão fácil como se supõe". Pois não. Para alguns é impossível. E há tanta maneira de sorrir! Nós não podemos esquecer o sorriso de dois homens que foram inconfundíveis na nossa terra: Maxwell Wright e Alão Bodman. Com eles convivemos e conhecemos bem o seu sorriso. Tinha qualquer coisa de angélico, o sorriso do Dr. Bodman, o homem que vivia à beira dos enfermos e ajudou muitos a bem morrer. O sorriso do grande evangelista sr. Wright era um mixto de candura infantil e de bonomia de um velho que muito compreende e por isso muito perdoa em amor. Sorrisos...

Numa interessantíssima conferência, na Sociedade de Geografia, sobre "Os costumes religiosos e feticistas dos quicocos", o nosso amigo sr. José Redinha, conservador do Museu do Dundo, conta um colóquio entre aqueles indígenas da nossa Angola que se costumam reunir e trocar as suas impressões, respeitando a opinião dos velhos. Um pergunta: "Eu sei que há Deus. Mas donde veio Deus?" Resposta, solene e profunda: "Deus? Deus veio de Deus". É isto, senhores. Deus subjectivo vem do Deus objectivo. Deus noção vem do Deus realidade. Deus emanação vem de Deus Pessoa inacessível.

O senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, a quem não canonicamente agora se chama chefe da Igreja Portuguesa, falando ao seu clero, quando este, em 18 de Novembro, o cumprimentava pelo 19.º aniversário da sua ascensão, teve no seu discurso este genuíno trecho de antologia cristã: "Desejariam (refere-se a críticos do clero) ver-nos inteiramente sacrificados à nossa divina missão: mais compreensivos a todas as angústias, mais compassivos a todas as fraquezas, mais solícitos a todas as necessidades, mais ardentes a todas as exigências do Evangelho, mais generosos de nós no serviço das almas, mais intrépidos no total abandono à Providência, mais abertos aos valores e aspirações novas, mais atentos aos suspiros do

Mundo". Não está aí um tratado de Poiménica para os ministros de Cristo?

Comemorou-se em Coimbra e Lisboa o 4.º centenário do nascimento do jesuíta espanhol Francisco Suarez, que ensinou na primeira destas cidades e morreu na outra, em 1548. Suarez foi autor duma "Defesa da fé Católica contra os erros anglicanos", na qual defendeu a supremacia do poder espiritual sobre o civil, sendo em seu juízo poder espiritual o do papado. Ora o verdadeiro primado do espírito está na soma das conquistas individuais do Evangelho, e não na imposição dum homem sobre a grei.

A pretexto de o seu culto ter certa semelhança com o romano, foram mandados encerrar pelo Ministro da Justiça brasileiro, a pedido do cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, os templos da Igreja Católica Livre naquela capital. A propósito o Rmo. Bispo da mesma Igreja em S. Paulo, D. Salomão Ferraz dirigiu ao chefe do Estado do Brasil um memorial que é modelo de lógica, de dignidade, e de fervor cristão e patriótico. No próximo número trataremos do assunto mais desenvolvidamente.

PARA UMA NOVA SEMÂNTICA

O homem religioso, como aliás o que o não é, ou supõe não ser, encontra-se frequentemente a braços com diferentes sentimentos e ideias que nele se chocam; e um dos mais árduos trabalhos consiste, para ele, em evitar esse choque. Dir-se-ia, a esse propósito, que a vida humana é o resultado de um constante esforço de equilíbrio, tanto físico como mental e moral.

O homem sinceramente religioso é um homem recto, ou ao menos ansioso de rectidão. Por isso ele se esforça em evitar as tortuosidades do pensamento e da expressão, procurando harmonizar os princípios a que adere quando lhe surgem desarmonicos; mas por vezes contentando-se com fórmulas expressas a que dá o sentido conveniente a sossegar-lhe a consciência inquieta.

Sucedem isto, por exemplo, com termos tais: tradição, tradicionalismo, clero, clericalismo, união, unionismo, intolerância, rigorismo, latitudinarismo, transigência, seita, cisma, "denominação", catolicismo, ecumenismo, e tantos mais.

O velho cisma de Fócio veio a culminar na Igreja que a si se chamou Ortodoxa; mas Roma lhe chamou "Cismática", apelidando-se a si de "Católica". A reforma continental culminou nas Igrejas Reformada e Evangélica, e numa política e numa ideologia **protestantes**; mas nas Ilhas Britânicas a Igreja formada considerou-se católica, com boa cópia de argumentos, reconheceu que a Grega e a Romana o eram também inicialmente, mas que a Romana, ao pretender o predomínio universal, falseara o sentido católico da Igreja, porque só um Homem extra-humano poderá ser um ditador universal dos homens, mantendo o princípio católico. O Romano Pontífice não pode ser o Ecuménico Pontífice. Assim, ao olhar as várias igrejas reconheceu-se cristandade em todas, catolicidade em muitas e apostolicidade em algumas; mas proclamou-se que o dever de quem estava em erro era reformar-se e, pelo contrário, quem se sentisse forte deveria ajudar os irmãos fracos (Romanos 15:1). Em vez de guerra de morte, a Reforma deve ser "guerra de vida".

Mas, como dissemos, com o problema dos factos surgiu o problema das designações. Quantas discussões fúteis nascem do sentido diverso que às palavras dão os contendores! Como hão de duas pessoas encontrar-se, se voluntariamente enveredam por estradas diversas? Que importa a semântica e a etimologia, nas suas leis gerais, se eu, ao falar com meu irmão divergente, não procuro saber o que ele pensa, e me contento com o que ele diz, na minha interpretação própria e não na dele?

Dizia Zuinglio que a função do ministro de Cristo era ministrar o pensamento de Deus na linguagem do povo. Está certo. Mas ainda poderia levar mais longe a definição, referindo não a língua do povo em geral, mas a fraseologia particular de que se serve a pessoa com quem falo e a cuja alma desejo levar a mensagem da salvação.

A **língua desconhecida** cujo uso S. Paulo condenou no culto, não é só o latim ou as línguas orientais obsoletas, mas aquela que o auditório não possa entender. E se para um auditório se deve, pois, adoptar uma linguagem média, e didáctica, por meio de circunlóquios elucidativos,

na conversação procurar-se-á conhecer o grau de cultura e a formação pessoal do interlocutor, para o poder atingir eficazmente.

Mas vamos ao nosso tema, de que parece termo-nos desviado. "Protestante", para o nosso povo rural, e até para os das cidades, é apóstata ou renegado; pelo menos, negador. Que importa para ele toda a história respeitável ligada ao termo? Para muitos portugueses cultos "protestantismo" é meramente um conjunto de correcções à doutrina romana, mesmo quando saibam que inicialmente "protestar" é afirmar. Dizem que por isso lhe falta uma base positiva e é uma forma parasitária de crença, que morreria com aquela religião que combate ou tenta corrigir, se essa desaparecesse. O certo é que muitos protestantes portugueses, pouco versados, que respiraram ainda a atmosfera anti-clerical de há meio século, mais do que a mensagem positiva dos Maxwell Wright, dos George Grubb ou dos John Mott, afirmam todos anchos que "protestam contra isto e contra aquilo" e de aí a razão do seu nome. Todavia neste mundo todos **protestam** e todos **protestam contra**, isto é, todos têm na sua dialectica, por mais incipiente que seja, alguma coisa para afirmar e alguma coisa para combater.

Na Igreja de Cristo há uma mensagem **revelada**, na Igreja Apostólica uma mensagem **transmitida**, e na Igreja Católica uma mensagem **conservada** — sempre a mesma. É certo que logo ao começo da mensagem revelada se emiscuiu a traição e a negação, assim como na mensagem transmitida pelos apóstolos se intrometeu o orgulho judaizante? E na mensagem conservada pela Igreja se vão através dos séculos infiltrando as heresias ou **desvios** e as seitas ou **cortes**? Nem por isso a devemos abandonar. No tempo de S. Paulo, se uns se serviam dos nomes de Cefas, de Apolo ou do mesmo Paulo, para se separarem, outros se serviam do nome do próprio Cristo com o mesmo resultado. Não deve o nome de Nosso Senhor, nem o do Evangelho ou o do Catolicismo servir para separar, mas para unir.

Nomes! Não são eles o mal, mas o indício dum mal. Erram decerto os que combatem nomes, como errariam ridiculamente os médicos que combatessem os nomes da cínzite ou da tuberculose. Se o cancro se extinguisse como doença endémica, o nome ficaria nos anais da medicina como uma reminiscência histórica. Pois o mesmo posso dizer do mormonismo.

Direis talvez que ninguém se opõe ao nome, porém alguns condenam a "confissão de um nome". Contudo confessar uma falta não é o mal. Mal é o praticá-la. O mal neste caso é o corte no "Corpo de Cristo", isto é, a Igreja. Isso desvia o assunto para outros pensamentos que desejamos tratar um dia, se Deus permitir. Agora voltaremos ao nosso tema.

O nome de **beato** perdeu o seu uso legítimo de "bem-aventurado". Na técnica das canonizações romanas significa, pouco mais ou menos, se temos entendido bem, candidato a santo; e na gíria popular muito generalizada quer dizer fanático. Ora "fanático", por sua vez, significa o praticante excessivo de religião, isto é, de um culto religioso; mas muitos entendem por fanático aquele que tem fé demais, o que é erro de conceito de quem não tem fé nenhuma. Quem tem fé sabe muito bem que nunca poderá ter fé demasiada, tal como o homem honrado sabe que nunca poderá ter honra de sobra. O que podemos é exceder-nos nas manifestações dos sentimentos idealmente perfeitos, como a fé ou a probidade.

O nome de "evangélico", muitos suporão que satisfaz todos os crentes, de todas as partes; mas parece que já assim não é, tais atitudes têm tomado muitos que usam esse nome não como mensagem de amor mas como bandeira de luta separatista, em face dos erros modernistas que corroem, infelizmente, certo protestantismo histórico.

Não esqueçamos que "fariseu" teve inicialmente um sentido bastante bom, muito próximo de "puritano". Mas quantos desvios houve à sombra desses dois nomes! Ambos sofreram descrédito semelhante, em diferentes épocas históricas, pelos abusos de intolerância a que o orgulho espiritual conduz. E não esqueçamos que puritanos, assim como anabaptistas e quaqueros, têm muito a dizer também da intolerância promovida pelos partidários da unidade eclesiástica. Confessá-lo é o caminho para emenda-lo.

Evidentemente não vamos abandonar o nome de católicos, nem o de evangélicos, em razão do mau uso que noutros lugares ou noutras épocas lhes tenha sido dado, como não abandonamos o de Cristãos, pelo mesmo motivo. O **meu** dever, e o **teu**, leitor, é honrar o epíteto que corresponde no seu étimo ao nosso sentir, e antepor à semântica local que o desonra outra que o eleve. A semântica nasce do testemunho.

Entretanto o assunto é tão vasto que mal o afloremos e teremos, por isso, de um dia voltar a ele.

Leitor:

Qual secção quererias que se desenvolvesse na nossa revista?
Repara que ela é nossa: tua e minha.
Qual secção te agrada mais? E qual te agrada menos?
Que falta sentes em ECCLESIA?

Selas e Pergaminhos

É um facto digno de observação, ainda que os tradistas não a têm feito, ao menos que nós saibamos, que a forma habitualmente usada para o plural gramatical é muitas vezes um plural específico, mudando até o sentido que no singular nos dá. **Graça** é mercê, e **graças** é gratidão. A Graça é um dom inicialmente divino, as graças uma manifestação tipicamente humana. E assim por diante. Isto vem a propósito de pretendermos justificar o título desta nossa secção. Não há aqui propriamente um mero plural, mas um plural específico. Os nossos "selos" de cristãos são as provas da autenticidade da nossa fé. Os nossos "pergaminhos" são os títulos de honra da Cristandade, procedentes da Beleza e da Santidade de Deus. É assim que desejamos transportar para aqui documentos da genuinidade e da veracidade da nossa fé e monumentos da formosura das suas manifestações.

A GRAÇA

(De "As Vigílias" — noite terceira; de Santo Agostinho)

A noite trouxera sobre o navio o silêncio e o sonho. Mais se não ouve que um triste estridor das antenas, o sopro dos ventos e o marulhar da onda quebrada pela proa. Cada um descansa, imerso em profundo torpor. Só o piloto vigia, observando os ventos, o céu e o mar, para governar a embarcação. A minha preocupação, livre da turba do dia, que a aparta de si mesma, regressa aos seus nobres fins: ao homem e a Deus.

Oh! De todas as coisas única e primeira Causa, último e único Fim! Também eu conduzo a minha pequenina embarcação no meio dum vasto mar, para um dia chegar a praia segura. Tu és o meu único porto. Tudo o resto é para mim soledade, deserto, como os undosos espaços que vou sulcando. Ouro, deleites, honras, e quanto de especial a terra nos mostra, não são mais que névoa, a prometer ao olhar encantos mortais, tranquilos portos, praias felizes, afortunadas regiões, onde em realidade não há mais que vagalhões, perigos e borrascas. Tu, que desde o alto governas

O Universo, guia-me neste mar, torna-me o vento propício, permite-me evitar os escolhos, fugir das sereias e vencer as tempestades. Anuncia a minha viagem e faz com que eu chegue feliz ao meu destino. Queres tu que eu vele cuidadoso durante o penoso trajecto? Eis-me aqui velando. Eis-me aqui, ora olhando ao meu redor, ora voltando para Ti os meus olhos. Tu me indicas o rumo e me descobres as passagens fatais.

Ah! O homem traz em si mesmo, dos seus perigos a fecunda fonte, e dos seus lutosos naufrágios a funesta causa. É por isso que ao homem é o homem que interessa estudar. Todavia ele se fatiga, se afana, se consome investigando o que não lhe traz benefício saber, e vive e morre ignorando-se a si mesmo. Por essa razão, de mil maneiras se desvia, se extravia, tropeça, se afunda e perece a estirpe humana. Mas, para conhecer ao homem, basta que ele o estude? Ah! Não! Mais ao alto é mister elevar a mirada; convém observá-lo à clara luz que sobre ele difunde um objecto mais nobre, interrogar o seu Autor. Ele só, que concebeu o desenho, sabe explicar plenamente a sua natureza e o seu destino.

O homem não é o animal que conduzimos connosco nesta nossa passageira morada. Aquele que nós vemos desenvolver-se aqui, com os anos, e com eles decrescer depois, e que aqui necessita do terreno alimento, não é senão a cortiça exterior do homem. O homem é o ser oculto nesta morada lodosa que ele move; ele é na terra peregrino, estrangeiro; nem sequer o seu alimento é terreno. Ele pertence a uma região mais pura: constituem seu alimento a verdade e o saber; sua forma é a virtude; são suas feições a imagem do Altíssimo; sua vida é Deus.

O homem está aqui formado, aqui começa a ser, sem que contudo veja o dia. Então nasce, até que, desenvolvido e livre da matéria embaraçosa, por aquilo a que chamamos morte, ausenta-se. E aquilo que então nasce permanece para sempre. Se

a bela inocência, se a virtude mestra, moderou os seus affectos, compôs os seus desejos, nasce formado de acordo com as normas do soberano modelo da verdadeira beleza, nasce segundo deve ser o homem, feitura do Artífice Eterno, cujas obras são sempre perfeitas. Então, feliz discípulo da reinante e sempiterna honestidade, o Espírito de Deus, que nunca se alberga em impura morada, se radica nele. Por consequência o homem nasce vivo, e todo envolto no resplendor da divindade que nele reside. Nasce vivo, e nascendo começa a desenvolver a magestade oculta que o eleva para lá de tudo de quanto dispõe o reino das naturezas visíveis, e o aproxima de Deus. Mas se as concupiscências insanas, desenfreadas, tomaram as rédeas e o levaram para o vício, ele sai da sua argila mortal contrafeito, disforme, debaixo de horrível aspecto, como um parto alterado no seio de sua mãe, um ser estropiado, um monstro; um monstro, e um monstro privado de vida, porque longe dele está o espírito de Deus: negro e fétido aborto e parto extinto.

Oh! Sobrehumana Luz, oh! Tocha celeste, que o Senhor misericordioso quer que preceda a Seus filhos nesta obscura noite! Guia Tu carinhosamente meus débeis passos, seguindo a pista dos oráculos santos, e permite que eu descubra as eternas verdades que Deus oculta! A Ele agrada revelá-las a quem, com coração submisso, escuta as suas vozes; e em troca as mantém ignoradas para os soberbos mortais, cegos idólatras de um saber criado. Encontra o louco um diamante precioso e o despreza porque o vê ainda em bruto; encontra o sábio, guarda-o com alegria, lapida-o e põe a gema a descoberto. Do mesmo modo o insensato orgulhoso não vê outra coisa, no dizer santo, que linguagem humana e a desdenha. O coração devoto acolhe-o respeitoso e, sob a tosca aparência, indaga o recôndito sentido e encontra tesouros de sabedoria divina.

O Cristianismo

○ "Diário de Notícias", de 28 de Outubro passado, informava que se encontrou, no desaterro de um quintal perto das muralhas da vila de Serpa, no Alentejo Baixo, "uma ara, indubitavelmente cristã, medindo na sua parte circular, 0,33 de diâmetro e de altura, incluindo a parte tosca, que seria cravada na terra, 0,53. A parte insculpida é formada por uma cruz, de braços iguais, representando a haste superior dessa cruz a chama de uma luz, simbolizando a chama da fé, com seus anteparos. Deve datar este monumento do fim do 2.º para o 3.º século, no tempo do imperador Constantino I, que, por se ter convertido ao Cristianismo, já as manifestações cristãs eram toleradas e subvertiam o paganismo".

Aí fica reproduzido o que no grande cotidiano se publicou sobre o venerando monumento que podemos reproduzir para atento exame dos nossos leitores. Trata-se dum espécime interessantíssimo da emblemática cristã primitiva, na combinação da cruz com a chama. Poderá esta ara ser de facto anterior a Constantino Magno, que não reinou do fim do 2.º século para o começo do 3.º, como por lapso se diz na notícia transcrita, pois que governou com Maxêncio, Maximiano, Galério, Severo e Maximino, em 300, ou seja no último ano do século 3.º, e foi imperador único em 320, morrendo em 337, ou seja no 2.º quartel do século 4.º.

O Cristianismo na Península deve ter entrado em tempos de Nero, possivelmente recebeu a visita do Apóstolo dos Gentios,



na nossa Terra

e espalhou-se rapidamente como na sede do Império. Certa inscrição lapidar achada em Marquezia, com referência à "nova superstição", que seria para a mente pagã o Cristianismo, é julgada espúria; mas temos a história documentada dum caso eclesiástico sucedido com os bispos Basíledes e Marcial, das dioceses de Leão-Astorga e de Mérida, a capital da Lusitânia, em 254, que, referindo-se a igrejas já organizadas episcopalmente e com sua bem definida consciência colectiva, indicando um processo de crescimento que viria, pelo menos, desde há uma geração, podemos inferir que em 200 ou 220, portanto, nos fins do século 2.º e começos do século 3.º, o Cristianismo já tinha as primeiras raízes vingando no solo lusitana e afirmando-se em manifestações de arte.

Essa cruz em chama é nossa, é a da fé de nossos avós, é património da Igreja Lusitana.

<...>

FLORILÉGIO DA ORAÇÃO

Preces que despertam almas

Auxilia-nos, Senhor, quando quizermos fazer o que é justo, e não soubermos determinar o que o é. Mas socorre-nos ainda mais depressa quando estivermos perfeitamente certos do que é justo mas não o quisermos fazer.

Rev. Peter Marshall
Capelão do Senado Norte-Americano

<...>

Ensina-me, ó Senhor, a achar as riquezas encerradas em todas as coisas. Que eu discirna o pensamento espiritual contido numa flor. Que eu aprenda a decifrar a glória do Criador na criação. Que possua a mansidão que há de herdar a terra!

J. H. Jowett

<...>

*Ó Tu, Guarda Divina, tem cuidado
De quem, sem Ti, não pode ser guardado.*

Luiz de Camões

No Átrio

(Salmo 96:8)

AS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE:

- 1 de Janeiro: Circuncisão do Senhor (S. Lucas 2:21)
- 6 de Janeiro: Epifania (S. Mateus 2:1-12)
- 25 de Janeiro: Conversão de S. Paulo (Actos 9:1-22)
- 2 de Fevereiro: Apresentação de Cristo no Templo (Lucas 2:22-40)
- 24 de Fevereiro: S. Matias (Actos 1:15-26)
- 2 de Março: Cinzas-Início da Quaresma (Gen. 3:19)
- 25 de Março: Anunciação de Santa Maria (Lucas 1:26-38)

<...>

ANUNCIAMOS com satisfação a todas as Congregações da nossa Igreja e aos Revv. Ministros, que na Páscoa deste ano passa o 4.º Centenário do "Livro de Oração Comum", da veneranda Igreja Irmã, da Inglaterra e Irlanda. Foi no Domingo da Ressurreição do ano de 1549 que esse formoso ritual pela primeira vez se usou na Comunhão Anglicana.

As congregações reformadas que durante muitos anos usaram versões do **Livro de Oração Comum**, e, quando se organizaram em 1880, votaram a preparação dum ritual que se decalcou em parte substancial no livro anglicano, celebrarão certamente a passagem deste quarto centenário, com acções de graças e com súplicas intercessórias a favor das Igrejas em festa.

Semana da Oração Universal

Quando ECCLESIA circular, prepara-se o mundo cristão reformado para dedicar a primeira semana completa de Janeiro, de 2 a 8, à oração unida, em acção de graças, confissão e súplicas, tendo por temas diários a Soberania de Deus, a Revelação de Deus na sua Santa Palavra, a Queda do Homem e a necessidade de regeneração, a Deidade e o sacrifício propiciatório de Nosso Senhor Jesus Cristo, a Trindade em Unidade de substância e diversidade de operações, a consumação de todas as

coisas em Cristo. Os textos sugeridos para os sermões de Domingo 2 são — Col. 1:15-20, Rom. 3:10-20, Rom. 5:6-11 e João 17:20-21.

É a Aliança Evangélica Mundial que desde 1846 promove este concerto espiritual e desde há cerca de quarenta anos ele é observado entre nós. Os guias mais qualificados do mundo cristão reformado, à frente dos quais estão os Revmos. Arcebispos de Cantuária e Iorque e Revmo. Moderador da Igreja da Escócia, arcebispos e bispos anglicanos e moravo, presidentes e moderadores das Igrejas Metodista, Presbiteriana, Congregacional, Baptista, general do Exército da Salvação, e secretários da Sociedade Bíblica, Conselho Internacional Missionário e muitas outras sociedades, patrocina a edificante iniciativa que une os cristãos em volta do trono da Misericórdia Divina.

Escolas Dominicais

Este departamento de Obra Cristã, de tão original modelo e formoso alvo, que não tem por fim o substituir a catequese mas completa-la, e que, bem orientado e servido por instrumentos idónios, faz viver o texto sagrado na mente e na alma infantis, tem velhas tradições em Portugal, pois foi, ainda que duma maneira esboçada e hesitante, utilizada entre nós desde há uns oitenta anos.

Tentativas sucessivas de organização nacional se têm gorado, e uma nova comissão se formou ultimamente e foi aceita pelo Conselho Mundial de Educação Cristã. Dos seus elementos e trabalhos daremos mais desenvolvida notícia quando oportunamente formos deles informados.

Agora só nos cumpre informar que no primeiro trimestre deste ano as lições propostas pela comissão norte-americana de preparação de programas versam sobre a vida de Jesus Cristo, estendendo-se esse estudo até ao fim do segundo trimestre.

Na Nave

(S. Mateus 13:20)

NA ESTRADA DE DAMASCO

"Saulo, respirando ameaças e morte..." (Actos 9:1)

EIS um homem que encetou uma jornada respirando, não simplesmente a vida, no alento natural, mas a morte de outrem, no desejo malsão do seu coração apaixonado.

Respirar é uma função indispensável à vida animal — e até à vegetativa — acima da alimentação, do exercício e do descanso na necessidade que temos dela. Para a moção com alvo realizador que se chama o Trabalho há uma ordem divina: "Trabalharás seis dias". Facto digno de nota é que ainda não se haja criado uma seita interpretadora ou preconizadora desse mandato, nessa vertigem de divisão que tem assaltado tantos cristãos...

Para o comer e o beber, assim como para o respirar, não houve ordem que não seja o impulso natural, sob a sanção da morte se resistimos ao mandato. Propriamente não está ordenado mas está condicionado: "Quem não quiser trabalhar que não coma", e: "Ou comais ou bebais... fazei-o para glória de Deus" (2.^a a Tessalonicenses 3:8 e 1.^a aos Coríntios 10:31).

Mas respirar! Oh! que fadiga isso representa num ambiente deletério ou sob o fardo que nos oprime! Mas que delícia é, no alto da montanha, onde o ar é puro e leve e onde a vida se aligeira.

Eis aí dois momentos da mesma função, dois movimentos alternos: o expelir do ar saturado de carbónio e o absorver do ar liberto dos elementos letais. As duas

atitudes da vida, necessárias e interdependentes: receber e dar.

Saulo respirava, quer dizer, inspirava e expirava, recebia e dava. Quê? Ameaças e morte.

Pois que recebera ele do mundo pagão? Decerto dos poetas conterrâneos, Cleantes e Arato, de Tarso na Cilícia, recebera o sentido do Deus inspirador e imanente, o Deus Progenitor e invisível (Actos 17); mas o espectáculo geral da política de Tibério, Calígula e Claudio era de ameaças e de morte. O homem era o lobo do homem, como certo pensador havia de afirmar um dia repetindo o que Plauto já dissera dois séculos antes de Saulo.

Lançando o olhar ao longe, na Grécia e em Roma, na Arábia e no Egipto, que via ele senão ameaças e morte? Tirídates da Pérsia era um rei fantoche às ordens de Tibério. A Índia estava entregue aos citas da Tartaria chinesa. No norte da África avultavam as tristes ruínas de Cartago. Tudo morte, tudo ameaças.

E do mundo judaico? Nesses baldios da Profecia provocados por quatro séculos de esterilidade espiritual, sentira os zelotas remoendo raivas contra Roma, soubera do trama de saduceus e fariseus medindo-se com rancor mas unindo-se de facto na perseguição do manso e leal Carpinteiro de Galiléa.

Pobre Saulo! Pobre fariseu sacudido de tantas paixões! Recebendo no ar que respiras os miasmas do ódio e da crueldade, que hás de tu dar?

Mas forma-se um clarão semelhante ao que, trinta anos antes, assombrara os pastozinhos de Betelém. E Cristo nasce para a tua alma, ó Saulo!

A estrada continua; mas é outra para ti, porque tu és outro nela.

São as mesmas as árvores que bordam a estrada; as mesmas as aves que voam

nos ares; o mesmo é o Deus que te escolheu e te acompanhou na vida, e que te chamou para O servires. Só tu mudaste.

E assim vais ensinar ao mundo que o problema não é mudar de estrada, mas mudar de coração!

NA SEARA

Círculo de Cultura "Pro Música Sacra"

ACABA de se organizar em Lisboa este Círculo com o fim expresso de auxiliar os trabalhos do Grupo Coral Esforço Cristão, regido há quase dois decénios pelo distinto compositor Dr. Leopoldo de Figueiredo. Todos os crentes evangélicos desta cidade têm podido ouvir regularmente, na Igreja Lusitana Evangélica de S. Paulo, as belas Cantatas em Sábado de Aleluia, e algumas vezes, ainda que poucas, na Emissora Nacional.

Nos programas do Grupo Coral sempre se percebeu o intuito de tornar conhecida do seu público a obra dos grandes músicos, não esquecendo as Escolas Portuguesas do século XVIII. Críticos da nossa terra têm-se referido muito favoravelmente a esta iniciativa, que se sente agora que não deve ficar limitada à exiguidade dum concerto anual. É assim que uma comissão constituída de distintas senhoras e cavaleiros se abalançou a organizar este Círculo, que conta já com animadoras adesões. As adesões devem ser dirigidas a madame Cécile Baerlocher, Travessa Escola Araújo, 31 — Lisboa.

Escoteiros Evangélicos

Os Escoteiros Evangélicos da Capital promoveram em 17 de Outubro, 30.º dia da morte do Conde Folke Bernadotte, Escoteiro-chefe Geral da Suécia, e do Coronel Serot—o primeiro, mediano entre árabes e judeus na luta da Palestina, e, o segundo, observador chefe da O. N. U.—um culto **In Memoriam** na Igreja Evangélica de S. Paulo (Marianos).

Assistiram ao acto os Srs. Eng. Jorge Pereira Jardim, Presidente dos Escoteiros de Portugal e Sub-secretário do Comércio e Indústria, o chefe do gabinete do Ministério da Educação Nacional, o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa, representantes dos Srs. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha, e Governador Civil de Lisboa, assim como muitos dirigentes escotistas. Do Corpo Diplomático estavam os Srs. Embaixador e Adido da Imprensa da Grã-Bretanha, Embaixador da França, Ministros da Suécia, da Dinamarca e da Holanda, Encarregados de Negócios da Noruega, Bélgica e Brasil, pessoal da Embaixada Britânica e da Legação da França.

A liturgia especial foi bela e sóbria, sendo a parte cantada de uma suavidade emocionante. O sermão foi pregado pelo director de ECCLESIA, e o serviço dirigido pelo ministro da Igreja Rev. A. Pinto Ribeiro Júnior.

Bodas de Prata do Rev. A. F. Fiandor

A 29 de Novembro completaram-se 25 anos de trabalho fiel e dedicado do Rev. António Ferreira Fiandor, na Igreja de S. João Evangelista, em Vila Nova de Gaia. Foi nesse dia do ano de 1923 que ele tomou conta do pastorado interino daquela Congregação, para vir a ser seu ministro efectivo em 20 de Março do ano seguinte. A actual Junta da Igreja, unida às direcções da Liga de Esforço Cristão e sua secção juvenil, e da União Cristã da Mocidade Feminina, numa "conspiração de amor", promoveram actos festivos que constaram da entrega de 25 formosos cravos vermelhos pelas crianças da Escola Dominical, seguindo-se o Culto de Acção de Graças, no qual foi celebrante o Rev. Agostinho F. Arbiol e prégador o Rev. Armando P. de Araújo. O tema que tomou: "O Senhor guarda a alma dos Seus santos", e a evocação que fez da vida pastoral do homenageado, prendeu inteiramente o auditório numeroso e comovido. Por meio de um alto-falante foram reproduzidos dois hinos entoados pelo Orfeão da A. C. M., além dos que a Congregação cantou com fervor. Houve no final cumpri-

mentos afectuosos de todos, junto à teia, ao Rev. Fiandor e a sua Esposa, companheira querida de tantos anos de alegrias e de tristezas. Lágrimas ornavam muitos olhos, assim como a avenca e as lindas camélias do norte ornavam o templo.

Tudo isto se realizou no Domingo do Advento, 28 de Novembro, havendo na segunda-feira, 29, uma sessão solene no Salão Paroquial do Torne, onde o Rev. Fiandor e sua Ex.^{ma} Esposa estiveram ladeados pela irmã e o irmão mais antigos, sendo lida a acta da nomeação, há um quarto de século, do querido pastor. Colocada no peito dele, por sua Esposa, em quem o decano da Congregação, Sr. Pina Cabral, Pai, graciosamente delegou esse encargo, uma medalha de ouro onde se afirma o "muito carinho dos crentes", e oferecido um belo ramo de flores a D. Ana Fiandor, foram feitos comovidos discursos; e, encerrada a sessão, seguiu-se uma festa íntima, com brindes ao chá, pelos pastores presentes, todos eles ministros nortenhos da Igreja Lusitana, e também elementos da ECCLESIA, o seu administrador-chefe e o dedicado auxiliar, Sr. Alípio Rodas.

FORUM

Notícias oficiais do
Colendo Sínodo Geral

1.º — Na reunião da Comissão Permanente do Sínodo, realizada em 13 de Dez.º de 1947, foi deliberado:

a) — Propor às Sagradas Ordens de Presbítero o consagrado e experimentado obreiro evangélico, e ilustre homem de letras em Portugal, Diácono Rev. Eduardo Henriquez Moreira, afim de ser ordenado tão breve quanto possível numa visita episcopal;

b) — Publicar uma revista de cultura teológica e doutrinal, como órgão da Igreja Lusitana, logo que estivesse constituído um Fundo Inicial de reserva para sua continuidade, sendo nomeado para seu Director e Redactor principal o Rev. Eduardo H. Moreira;

c) — Nomear o Diácono Rev. Josué Ferreira de Sousa Júnior, coadjutor da Igreja de S. Pedro, em Lisboa, e que a Igreja «de Jesus», na mesma cidade ficasse

a cargo pastoral dos Ministros da referida Igreja de S. Pedro;

d) — Que o Presbítero eleito, Rev. Eduardo H. Moreira, embora desse a sua colaboração eclesiástica regular na Igreja de S. Paulo, em Lisboa, ficasse na posição de Ministro itinerante às ordens da presidência do Sínodo.

2.º — A Comissão Permanente do Sínodo, em sua reunião de 2 de Abril de 1948, cumpridas todas as formalidades regulamentares e canónicas, elegeu o consagrado Irmão e Obreiro Evangélico, Doutor Luís Cesar Rodrigues Pereira, distinto médico em Vila Franca de Xira, para ser proposto a receber ordens sacras de Diácono da Igreja Lusitana, aguardando-se, por isso, a breve visita episcopal para essa instituição.

3.º — Devidamente autorizado pela Presidência do Sínodo, partiu em Setembro de 1948 para Londres, o Advogado e Diácono, Rev. Dr. Daniel dos Santos de Pina Cabral, Ministro-coadjutor da Igreja de S. João Evangelista, em Vila Nova de Gaia, afim de, a expensas dos seus pais, fazer um curso especial de teologia no St. John's College, em Lingfield-Surrey. Pelas informações recebidas, sabe-se do carinhoso acolhimento que tem sido dispensado a este membro do clero da Igreja Lusitana, não só por destacadas personalidades eclesiásticas da Igreja Anglicana, como também na própria Universidade que frequenta.

NO LAR

LITERATURA
ARTE
RELIGIÃO

*Como verão os leitores, desejamos contribuir nesta secção para o adorno moral dos lares, por meio de evocações que se possam submeter a estas três legendas: **Literatura, Arte, Religião.** As cenas que se movam no lar cristão podem bem ter uma formação literária e artística, mas o fundo melhor para elas é um fundo religioso.*

João Sebastião Bach

Músico da Fé Cristã

É muitas vezes desapontador conhecer a vida íntima de certos artistas. Ao contrário, a de J. S. Bach, por alguns

pormenores que possuímos, aumenta a nossa admiração pelo seu génio inultrapassado.

Animado de uma fé luterana incomparável, a sua existência foi maravilhosamente equilibrada, tanto na vida de família como no trabalho. E se alguns incidentes biográficos no-lo mostram, por vezes, dum carácter a que a integridade levava a uma quase violência, necessário é considerar que acidentes desse género são inevitáveis na vida de um homem cujo ideal estava tão altamente colocado em relação às mesquinharias de que foi objecto.

Bach considerava, com efeito, que a música era para ele uma profissão de fé; e para os que o escutavam era um enriquecimento espiritual. Foi nesse espírito que ele uniu a música aos textos bíblicos, inteiramente compenetrado de que o seu trabalho era um sacerdócio.

A perfeição da sua obra é o resultado dessa concepção, pois ele é o intérprete da Palavra de Deus, o prêgador fiel cujo Mestre não suporta a mediocridade.

Podemos nós duvidar, nestas condições, de que a sua música foi inspirada pela vida de Cristo, cujos episódios se encontram nos corais, oratórios, cantatas e paixões? Ele vive e morre com Jesus, e é o seu estado de alma que lhe dá uma tal expressão; se não, como é que a Paixão segundo S. Mateus nos comoveria tanto? Foi a comunhão constante com o Crucificado, o seu misticismo, que produziu um tal monumento.

A fé de Bach ilumina toda a sua obra. Harmonizando numerosas melodias de corais, ele deu vida ao texto, sublinhando a sua significação profunda: ele sabia que esses cantos são uma base essencial do culto luterano e um poderoso meio de edificação.

O coral, fonte principal da sua música, fez a sua grandeza: com o motivo melódico ou o seu acompanhamento, é constantemente presente o espírito da estrofe que guia o músico nos desenvolvimentos a que se entrega. Os "Corais para órgão" acusam muito mais particularmente esta característica descritiva: a ideia do texto vive aí. Que soma de benefícios espirituais nos podem trazer essas peças, se são tocadas no seu justo lugar no culto!

Nas composições para cântico, a fé do mestre resplandece totalmente. Nada se opõe à compreensão dos motivos da sua inspiração, pois as palavras lá estão, trazidas para a música que as penetra e ilumina. Tais as numerosas cantatas que tão pouco se conhecem, as Paixões, a "Magnificat", os oratórios, as missas, os motetes.

Que pregações são esses motetes, mensagens do músico que quer a nossa santificação! "Não andamos segundo a carne", clama ele no motete n.º 3, "mas segundo o espírito". "Se o Espírito de Aquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós... também dará vida a vossos corpos mortais"; e outros textos ainda do 8.º capítulo aos Romanos, fazendo corpo com uma música que comove profundamente.

Enfim, se a compreensão das peças instrumentais exige, talvez, um grande esforço, é inegável que também para elas o autor da Arte da Fuga nos enriquece pelo seu exemplo de perfeição.

Quando se sonde assim a obra de João Sebastião Bach, isto é, se se deixa comunicar connosco a sua piedade, o seu fervor, não se pode senão ganhar com a sua ideia de que "a música é uma escola de cristianismo". E quem quer que escute isto vindo do maior músico da fé cristã, o fará com o respeito devido a um apóstolo de vida recta, totalmente consagrado à sua arte, por estar convencido de que "a razão de ser da Música é glorificar a Deus":

Paulo Labarthe

O Livro e os Livros

«É dos livros!» diz o povo português, quando quer afirmar a certeza duma asserção.

Que respeito pelos livros esse anexim revela!

De facto, nos séculos passados o livro era objecto de tal preço que só grandes verdades ou grandes erros o produziam.

O livrito fútil é um produto relativamente moderno.

O respeito antigo pelo livro incluía o respeito pelo autor. Alfarabi foi um pensador árabe do século X, mestre de Avicena, nascido na Transoxiânia, comentador de Aristóteles e autor duma enciclopédia social e dum método de classificação dos conhecimentos humanos; e tão famoso foi ele que pelo seu nome foram conhecidos todos os livros antigos. E o pobre povo de Portugal, mantido na mais crassa ignorância, olhou para o alfarrábio de leitura inacessível como um bovídeo olha para um palácio, cujo frontão historiado não compreende nem pode transpor, que lho não deixariam.

O antigo Palácio, e mais ainda a antiga Catedral, foram os livros dos povos da Idade Média, que nos símbolos insculpidos dessas páginas de pedra tinham quase toda a sua sabedoria, transmitida de geração a geração. O resto era a mitistória das suas lendas, contadas nos longos serões de inverno. Diz-nos Victor Hugo, num belo trecho da «Notre Dame» que a Imprensa matou essa nobre forma de transmissão das grandes ideias, criando uma nova característica da civilização humana, que opõe as muitas crenças, opiniões e formulas em multiplices folhas frágeis, de cuja composição resulta um progresso filho da selecção, à formula unitária e quase imperecível da pedra lavrada a ferro, símbolo duma crença a ferro também imposta...

Mas se, por um lado, a multiplicação dos livros os tornou medíocre meio de alcançar uma verdade que constantemente ultrapassa o seu texto, um Livro venceu a Lei dessa mediocridade e revelou a sua procedência divina. «Traz-me o Livro», disse Gualter Scott, moribundo, a seu genro. «Que livro? Tendes tantos!» — «Só há um Livro», foi a resposta lacónica e profunda. E o genro trouxe-lhe a Bíblia.

O Livro é aquele que fica; os livros são os que passam. Os livros chegam a enfadar pela quantidade (Eclesiastes 12:12), mas o Livro deleita pela qualidade (Salmo 40:7 e 8).

Diz-se que a uma pessoa seriam necessários tres séculos para conhecer os clássicos universais; mas tres anos são suficientes

para fazer um estudo seguro de todo o texto sagrado — O Clássico Celeste. Contudo, tres milénios não têm bastado para exaurir as profundas lições desse bendito repositório.

Quanto mais próximo anda do Livro cada livro que surge, mais condições terá de vencer o tempo.

< . . >

Nesta secção pensamos ir dando notícia do que de notável se for dando, e nós soubermos, acerca da Bíblia Sagrada, e também de factos interessantes e úteis acerca de muitos livros, que representam, não, decerto, já o dissemos, a conquista definitiva do pensamento humano, mas passos à frente no seu descortinamento e atitudes formosas da alma perante a Beleza infinita de Deus.

Far-nos-emos compreender? Passos desses, atitudes dessas, são as «Confissões» de Santo Agostinho, a «Imitação de Cristo», o «Inferno» de Dante, as «Moradas» de Santa Tereza, as «Institutas» de Calvino, o «Peregrino» de Bunyan, o «Paraíso Perdido» de Milton, as «Palavras de um Crente» de Lamennais, «Os Miseráveis» de Victor Hugo, a «Ressurreição» de Tolstoi. E poderíamos citar centenas de obras épicas, pedagógicas, líricas, místicas, edificantes, recreadoras, consoladoras...

Acerca do Livro desejamos aqui manifestar o nosso regosijo pelos trabalhos já ultimados no seio da comissão interconfessional brasileira para a fixação dum novo texto bíblico na nossa língua, produzido pelo confronto dos textos de Almeida, Figueiredo e Brasileira, e ainda pela consulta de várias versões modernas, com os textos originais à vista. Não sabemos quais as edições críticas preferidas, o que tem muita importância, isto quanto ao texto original; nem sabemos de quem no nosso país o conheça, tal a nossa humildade, como representantes de tão poucos milhares de evangélicos e de oito milhões de cristãos nominais, tão pouco interessados no assunto. Resta-nos rogar a Deus, o Pai das Luzes, que abençoe os eruditos que se abalançaram a tão alta missão.

No próximo n.º nos referiremos a «Bailes de Caridade», de Freire Teixeira, «Cânticos do Natal» reunidos e anotados por D. Henriqueta Rosa Fernandes Braga, etc.